



# Cultura!

## ‘No passado’

Houve outrora um tempo em que era perigoso discordar da maioria...

Pág. C2

## ‘Belo exemplo’

Uma crônica sobre a senectude

Pág. C3

## Arte e Direito

As razões estéticas do autoritarismo

Pág. C3

## Nietzsche não morreu

O filósofo que escancarou o quanto o humano é pequeno, mesquinho, fraco, covarde

Pág. C6

# LITERATURA PARA TODOS OS GÊNEROS

O escritor gaúcho Samir Machado de Machado, que relança *Quatro Soldados* pela editora Rocco, transita entre o romance histórico, o policial e o fantástico. Nesta entrevista concedida a Bruno Anselmi Matangrano, Samir fala sobre seus projetos e sua carreira na literatura

Pág. C4 e C5



Um pouco de

# Cada arte...



## NO PASSADO

\*  
**O. A. SECATTO**  
oasecatto@bol.com.br  
www.oasecatto.com.br



**U**m deserto qualquer. No passado, muito lá passado. De um pequeno promontório, com uma grande montanha ao fundo, alguém falava para uma multidão.

— O Senhor falou comigo. Sua grande voz era como o trovão e fez a montanha tremer!

— É! — gritou a multidão.

— Então, Ele mandou uma mensagem para nós: “Não tenham medo, pois Eu estou com vocês!”

— É! — bradaram, levantando as mãos.

— “Eu sou o Deus da vitória! Eu trago a paz!”

— É! — responderam todos em uníssono.

— “Eu sou o Senhor dos Exércitos!”, Ele me disse.

— É! — a multidão continuava gritando. Os braços erguidos em sincronia militar.

Lá no meio, um levantou a mão.

— Sim? — quis saber o líder, no promontório.

— “Senhor dos Exércitos?”

— É o que foi dito.

— Ele não é um deus *de paz*?

— Bem, é que...

— E por que a gente não ouviu nada?

— Como?

— Eu não ouvi trovões — ele começou a olhar para os companheiros do lado. — Você ouviu? Você ouviu? — Eles balançavam a cabeça de um lado para o outro. — Ninguém ouviu.

— Você por acaso...?

O que protestava continuou.

— Também não senti a montanha tremer... — Ele olhou para os mesmos companheiros ao seu lado. — Você sentiu? Você sentiu? Ninguém sentiu.

— Ora, é claro que...

— Se Ele é Deus — o líder foi interrompido novamente —, por que não fala pra todo mundo aqui de uma vez?

— Porque nem todos estão prontos.

— Por que não?

— Você faz muitas perguntas, né?

— Eu queria saber por que não estamos prontos.

— Você está contestando Deus?! — esbravejou o líder com uma careta.

— Deus não, *você*.

— Ora... — as mãos se fechando, incrédulo com aquilo.

— Por que Ele só fala com *ocê*?

— Ele me escolheu.

— Ah, então, entre todo mundo aqui, Deus escolheu justo você?

— É — disse ele, levantando os olhos e mordendo os lábios.

— Quer dizer que nenhum de nós é digno de ouvir diretamente a voz de Deus, mas é bom o suficiente pra morrer na guerra?

— É! — saiu o grito de alguns. O líder os fulminou com o olhar.

— Não foi isso que eu falei. Eu...

— Mas foi o que disse. E, a propósito, se Ele é um deus de paz, por que nós estamos indo fazer guerra?

— É! — gritaram alguns ali perto, por reflexo. O líder rangeu os dentes, pôs a mão no rosto, o pé esquerdo batendo incessantemente no chão.

— Para recuperar a terra prometida.

— “Recuperar”? Nunca estivemos lá!

— Na verdade...

— Prometida pra quem?

— Para nós, ora!

— Nós por quê?

— Pois somos o povo escolhido.

— “Escolhido”?

— É.

— Mas Deus não é o Criador de *todas as coisas*?

— É.

— Inclusive dos outros povos?

— Sim. Foi Ele que criou o Homem.

— Todos os homens?

— Todos os homens.

— Então, se Ele criou tudo e todos, inclusive todos os homens, por que *só nós* somos o “povo escolhido”?

— Porque nós obedecemos às Suas leis.

— Que leis, exatamente?

— As que Ele nos revelou.

— Como?

— Falando.

— Com quem?

— Comigo.

— Aí estamos nós de novo... — concluiu ele, coçando a cabeça.

— Como assim?

— Tudo o que você disse você diz que Deus disse, mas quem está dizendo é *ocê mesmo*, não Deus. Não é?

— É! — gritou um ali do lado; e depois se encolheu sob o olhar furioso do líder.

Houve silêncio. Entre a multidão, mãos nos queixos, mãos nos cotovelos, olhos para cima, cogitações.

Caretas de dúvidas. Olhares para os lados. Cochichos, conversas paralelas. Pés revirando a areia do chão desértico. Um burburinho geral.

Até que o líder arregalou os olhos e apontou o dedo para o que contestava.

— Infiel! — ele gritou.

Todos, então, se horrorizaram com aquele que discordava. E o apedrejaram. Até uma justa e merecida morte. Depois, resolveram colocar tudo aquilo por escrito. Para ficar mais difícil de contestar.

## Palavra



“Se tivéssemos uma verdadeira vida, não teríamos necessidade de arte. A arte começa precisamente onde cessa a vida real, onde não há mais nada à nossa frente. Será que a arte não é mais do que uma confissão da nossa impotência?”

**RICHARD WAGNER**

NASCIDO EM LEIPZIG, ALEMANHA, EM 1813, O COMPOSITOR DE “O HOLANDÊS VOADOR”, “TANNHÄUSER”, “LOHENGRIIN” E A TETRALOGIA “O ANEL DOS NIBELUNGOS”, DENTRE OUTRAS, MORREU EM VENEZA, ITÁLIA, EM 1883.

*Richard Wagner*



Cultura! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

**EXPEDIENTE**  
EDITOR: **O. A. SECATTO**  
COLABORADORES: **GIL PIVA, JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E JACQUELINE PAGGIORO**  
DIAGRAMAÇÃO: **ALISSON CARVALHO**



Arte e Direito

“Todos já ouviram defesas a ditaduras cuja justificativa era só a perfeição aparente do regime, a beleza existente em desfiles e hinos. Entretanto, a plástica de solenidade não sustenta qualquer política antijurídica. Não se pode confundir civismo com estética”

AS ARTES ALOGRÁFICAS E A DEMOCRACIA

RODRIGO PIRES DA CUNHA BOLDRINI

Nas artes autográficas, a emoção estética independe da mediação do intérprete: o observador não interpreta, tão só aprecia; como um quadro realista, pintado e visto. Não é para nós que Monalisa sorri, sim para a eternidade, ainda que não estejamos lá. Já nas artes alográficas, a sensação estética depende de um intérprete; e o próprio observador interfere na criação, dá ânimo à obra, dela participa, ou seja, “opera sua inserção na vida”, nos dizeres do autor Eros Roberto Grau, em seu *Ensaio e Discurso sobre a Interpretação/Aplicação do Direito*. É Orfeu que transforma a partitura em música, cuja harmonia compomos.

Eis uma reflexão breve a respeito da razão estética do autoritarismo.

Muitos daqueles que sustentam um pensamento autoritário o fazem simplesmente pela certa simetria que visualizam nesses regimes, ou seja, pela estética, pela aparência. Prova disso é que, por exemplo, todos já ouviram defesas a ditaduras cuja justificativa era só a perfeição aparente do regime, a beleza existente em desfiles e hinos ou mesmo na ordem unida e silenciosa formada no pátio das escolas durante o hasteamento matinal de símbolos, como nas escolas italianas e alemãs da década de 1930. Entretanto, a plástica de solenidade não sustenta qualquer política antijurídica.

Não se pode confundir civismo com estética. A estética do autoritarismo é tão



simétrica quanto a do quadro renascentista, impassível, cujo sorriso dúbio é esboçado apesar do cidadão, mas não é dele, nem por ele quanto menos para ele. É mais cômodo observar que participar. A solução estética, e superficial, para esse incômodo era eliminar contrariedades, uniformizá-las, de forma que a existência se tornasse consequente e compreensível, de plano, instantânea, como nas artes autográficas.

Ocorre que a existência é alográfica, assim como o são a própria Democracia, o

Direito e a Justiça. Não é fácil reconhecer beleza na diversidade, tão repleta de contrariedades que subsistem umas às outras, imperfeitas, inacabadas, dinâmicas, dialéticas, que frutificam no dissenso; típico do som e do silêncio, afirmação e negação que se complementam para soar a música, e fazer viver. A acústica não pode ser fotografada, nem por isso a orquestra cessa de tocar. Cidadania, alográfica, constitucional, depende de cada um de nós, observadores e intérpretes da arte; e não se cumpre por ser “bonita” ou “si-

métrica”, sim porque é direito-dever, até por isso bela e harmônica.

\*

**RODRIGO PIRES DA CUNHA BOLDRINI**, MESTRE E DOUTOR EM DIREITO DO ESTADO PELA USP, AUTOR DE “POLÍTICA E DIREITO COMO GARANTIAS DA CONSTITUIÇÃO” (BERTO) E “GARANTIA DE DIREITOS E SEPARAÇÃO DOS PODERES” (QUARTIER LATIN), É PROFESSOR DE TEORIA GERAL DO ESTADO E DIREITO CONSTITUCIONAL DA FACULDADE MAX PLANCK.

Crônica

BELO EXEMPLO

HÉRCULES DOMINGUES DE FARIA

Uma das divas de nosso teatro, Bibi Ferreira, queixou-se com amargura da velhice. O general De Gaule foi mais fundo: escreveu que envelhecer é uma tragédia. Carlos Drummond registrou, com brutalidade, numas quase-memórias que “o tempo é o mais cruel dos escultores; e trabalha sobre barro”. A senectude pode ser tudo isto e muito mais até. Fico com André Maurois, para quem a arte de viver é a mesma, sem descontinuação, da de morrer.

Quando se vive uma vida bem vivida, morre-se em paz, com dignidade, embora vezes sem conta o transe seja doído. Dor é desconforto. Não é desgraça, nem tragédia. De todo modo, a velhice fragiliza demais. E não falo do soma somente. O velho carece muito mais de afeição do que de cuidados materiais, conquanto estes também sejam de crucial importância. O desgaste da máquina é inexorável, a manutenção complexa e custosa.

Infelizmente, não são raros os casos em que uma vida de trabalhadoras sem quartel, sacrifícios e abnegação se finda em penúria e avareza de carinho por parte daqueles que mais receberam, os filhos. Descaso, abandono e até maus tratos constituem a paga com que alguns idosos são “agraciados” por seus maiores devedores.

A mídia tem mostrado que nem idosos abonados escapam de agressões, perpetradas por acompanhantes. Coisa evitável, por

que, embora dolorosa a decisão, existem boas casas de repouso que se esmeram em cuidados.

Anos atrás, numa incursão pelo Pantanal, estavam no barco o Sr. Wilsom Moreira e o filho Netão. Grandalhões, fartos de carnes, viviam em simbiose, o filho desmanchando-se em atenção com o pai. Comentei com ele a paparicação (todos os filhos são assim carinhosos com o velho). Disse-me rindo: “Se esse filho da mãe fosse pobre, ele ia ver só.” Naquele moço bonachão, isso era apenas o prazer de fazer piada, mas a coisa realmente pega com idosos sem recursos.

Sem embargo dessas aberrações, desses insultos à natureza das coisas — o homem é o senhor da maldade — tem havido alguma evolução nas leis de proteção, em muitos daqueles agentes públicos que as operam e mesmo nas políticas sociais compensatórias.

Rio Preto abriga uma Delegacia Regional de Proteção ao Idoso que é uma instituição exemplar de zelo e dedicação à causa. Delegados calejados no ofício, de grande tarimba e dimensão humana, são um porto seguro para aqueles que se socorrem de seus préstimos e experiência. Lideram uma equipe que na certa foi escolhida com critério e sabedoria. Do atendimento inaugural, na recepção, feito com atenção e respeito, passa-se à burocracia interna estru-



turada em competência e presteza. A escriva é dessas pessoas que infundem confiança e conforto, estampados nos olhos claros, límpidos feito fonte de montanha.

Os idosos de Rio Preto e região contam com a proteção frondosa dessa delegacia, árvore tutelar num deserto de atribulações. Órgão conduzido por uma gente cuja sensibilidade contraria o estereótipo que, tantas vezes equivocados, cultivamos do profissional de polícia. As dores que os anos acumulam, não raro em avalanches, são ali minimizadas pelo ca-

lor humano que se respira entre suas paredes. Belo exemplo de órgão público que funciona no diapasão dos interesses, bem-estar e carências de sua clientela. Fio de esperança e certeza de que nem tudo está podre neste reino da Dinamarca. Reino de fancaria, purgatório de idosos ao desamparo em que Hamlets dementados não veem fantasmas que lhes contam segredos terríveis. Mas são eles próprios os fantasmas, monstros estufados de maldade e cinismo.

\*

**HÉRCULES DOMINGUES DE FARIA**, BANCÁRIO APOSENTADO E FORMADO EM LETRAS, FOI COLONISTA DOS JORNAIS ‘CORREIO DE MIRASSOL’ E ‘DIÁRIO DA REGIÃO’

Quando se vive uma vida bem vivida, morre-se em paz, com dignidade, embora vezes sem conta o transe seja doído. Dor é desconforto. Não é desgraça, nem tragédia



## Capa

Referência na literatura de gênero, o escritor gaúcho Samir Machado de Machado, que relança *Quatro Soldados* pela editora Rocco, transita entre o romance histórico, o policial e o fantástico

## LITERATURA DE HOMENS ELEGANTES

Samir  
Machado de  
Machado



BRUNO ANSEMI MATAGRANO

Samir Machado de Machado é um autor gaúcho e designer gráfico. Lançou-se como escritor com a publicação da série *Ficção de Polpa*, publicada em cinco volumes pela Não Editora entre 2007 e 2012, na qual, juntamente com outros autores da cena porto-alegrense, repensava as ditas *narrativas de gênero* com ênfase na aventura, na investigação e, muitas vezes, com um pé no fantástico.

Em 2008, lançou o livro *O Professor de Botânica*, também pela Não Editora, a história de Eduardo Rotgeller, o dito professor do título, que, em meio à crise de quem se depara com o início da velhice e o fim de uma frustrante carreira, percebe uma inesperada última chance de sucesso.

Já em 2013, é a vez de *Quatro Soldados* (republicado este ano pela editora Rocco), espécie de romance *fix-up*, em que quatro histórias independentes, passadas no sul do Brasil colônia, entrelaçam-se, reconstruindo uma terra de misticismo, criminalidade e exotismo.

Mas sua obra-prima incontestada é, sem dúvida, seu brilhante e polêmico *Homens Elegantes* (Rocco, 2016), cujos direitos para o cinema foram vendidos antes mesmo de o livro ter uma editora. Assim como *Quatro Soldados*, *Homens Elegantes* se passa num século XVIII recriado com esmero, no qual

o leitor acompanha as aventuras de Érico Borges, um espião da coroa portuguesa infiltrado nos círculos sociais mais altos da Inglaterra de então, ao mesmo tempo em que descobre a vida gay escondida nas entrelinhas, nos bares e salões, onde se reúnem homens elegantes de todos os estratos sociais.

Em meio às mais diversas referências, que vão desde literatura clássica e contemporânea, passando por cinema hollywoodiano e culminando em videogames atuais, é visível, portanto, que sua carreira foi permeada pela literatura dita *de gênero*, transitando entre o romance histórico, o policial e o fantástico.

• **Qual a gênese da coleção “Ficções de Polpa” — que completou dez anos em 2017 e pela qual sei que você tem grande carinho — e como foi sua recepção em uma época na qual a literatura de gênero não tinha o espaço que tem hoje? Há alguma chance de o projeto ser retomado? Quero dizer, nós, leitores, ainda veremos um volume 6, 7, 8, etc., ou o ciclo do “Ficção de Polpa” já se encerrou de fato?**

Na época, a ideia por trás de *Ficção de Polpa* foi juntar o útil ao agradável; uma forma que me ocorreu de projetar um gru-

po de novos autores saídos das oficinas literárias daqui do sul, com um tema que me interessava, que eu acreditava ser de interesse popular, que garantisse um interesse nos livros contornando o fato de os autores serem então desconhecidos. Eu era totalmente por fora da cena da literatura especulativa Rio-São Paulo, na época as coisas não apareciam muito aqui no sul, então foi legal contribuir um pouco para a popularização disso, de alguma forma. Quanto ao projeto ser retomado, é sempre uma possibilidade, mas não tenho planos imediatos. *Ficção de Polpa* foi um trabalho de amor, que eu bancava do meu bolso, dava uma trabalhadeira tremenda organizar tudo e diagramar, e no momento não consigo encontrar

energia para isso e para os meus projetos individuais ao mesmo tempo. Mas nunca se sabe.

• **Salvo por “O Professor de Botânica”, em toda a trajetória nota-se um pendor para alguns tipos de literatura em particular, penso na literatura policial (sobretudo, de espionagem), no romance histórico, e no fantástico. Como foi escrever um romance como “O Professor de Botânica”, que se distancia de todas as suas outras obras?**

**Há planos de revisitar essa faceta mais realista e existencialista em futuros trabalhos?**

*O Professor de Botânica* nasceu como um exercício de criação de personagem na oficina literária do Assis Brasil, baseado numa ideia que eu havia escrito aos doze anos. Por mais realista que seja, ainda assim ele tem um toque aventuresco (a reserva ecológica, a morte acidental) que a meu ver é a essência do que eu escrevo. Qualquer que seja o gênero que eu escreva, me considero um autor de histórias de aventura antes de qualquer coisa. Meu próximo romance talvez se assemelhe mais ao *Professor* nesse sentido, já que será contemporâneo e terá um tom mais realista que os anteriores, mas ainda assim lidará com uma trama de aventura.

• **Quais são os desafios, diferenças, dificuldades e facilidades de se escrever uma obra dita realista (como seu primeiro romance) e uma obra que pende para o fantástico (como “Quatro Soldados”) ou para a espionagem histórica (como “Homens Elegantes”)?**

Mas meus romances fantásticos também são realistas! Os animais fantásticos de *Quatro Soldados* nada mais são do que folclore revisto pela criptozoologia. E, em *Homens Elegantes*, não podia fazer meus personagens nem atravessar a rua sem antes me certificar de que *a)* a rua já existisse, *b)* era socialmente aceitável que estivessem onde estavam,

Autor.

O escritor  
Samir Machado  
de Machado





**QUATRO SOLDADOS**  
**Autor:**  
Samir Machado de Machado  
**Editora:**  
Não Editora  
(320 págs.; R\$ 39,90)



**QUATRO SOLDADOS**  
**Autor:**  
Samir Machado de Machado  
**Editora:**  
Rocco  
(272 págs.; R\$ 34,90)



**HOMENS ELEGANTES**  
**Autor:**  
Samir Machado de Machado  
**Editora:**  
Rocco  
(576 págs.; R\$ 54,50)



**FICÇÃO DE POLPA (VOLUME 2)**  
**Organizador:**  
Samir Machado de Machado  
**Editora:**  
Não Editora  
(160 págs.; R\$ 24,90)

dependendo de quem eram e da época. A maior diferença é que num romance contemporâneo você não precisa se preocupar com os detalhes da construção do universo, ele já está pronto, é o mesmo do leitor. E no romance histórico, você precisa diferenciar para o leitor no que aquele mundo difere do dele.

• **Sobre seus trabalhos mais recentes, vemos que você buscou criar uma voz própria que emula (com sucesso) a linguagem setecentista, ao mesmo tempo em que brinca com diversas referências e divertidos easter eggs. Em relação a isso, como foi trabalhar com tantas referências distintas (entre literárias, cinematográficas, históricas, etc.), seja do ponto de vista da própria criação, seja do ponto de vista formal?**

A meu ver, parte da proposta de uma linguagem pós-moderna é justamente reconhecer todo o conjunto de símbolos precedentes, é a ironia da ilusão de originalidade. Como construir algo novo quando tudo já foi feito? Cruzando referências inesperadas. E porque as coisas precisam ter nomes, então gosto de me cercar de referências que são importantes para mim. Também é como minha cabeça funciona, tudo parece sempre remeter a outra coisa. Mas se te referes às conexões entre os dois livros, isso se dá porque ambos pertencem a um mesmo “ciclo barroco” de histórias com personagens em comum. Se acontece de *Quatro Soldados* ter elementos fantásticos e *Homens Elegantes* ser mais realista, é porque me ocorreu que não haveria mais fantasia numa Europa dominada pelo racionalismo iluminista, mas ainda sim na mentalidade semimedieval do Brasil Colônia. É a justaposição que os dois livros oferecem: a realidade supersticiosa e barroca do Brasil no século XVIII, em contraste com a entrada da Europa na Idade Moderna.

• **Em “Quatro Soldados”, recentemente relançado pela editora Rocco, você reinterpreta criaturas folclóricas como a mula sem cabeça e o boitatá, em versões bastante originais, pautadas mais numa possível criptozoologia do que na magia que geralmente acompanha as matrizes de cunho popular. De onde surgiu essa ideia e como foi o processo de escolha das criaturas que você retrataria?**

Eu tenho uma certa obsessão com a veros-

similhança do que escrevo e, para mim, a maior dificuldade em escrever uma história fantástica é que, sendo uma pessoa bastante cética, não consigo aceitar o sobrenatural. O processo foi uma longa decantação, catalisada quando vi a obra do artista plástico Walmor Corrêa, que trabalhava justamente com isso, com pinturas que eram “autopsias” realistas de animais folclóricos. Isso, e ler o livro *Monstruário*, do psicólogo Mario Corso, que pesquisava as origens étnicas, culturais e psicológicas de cada criatura do folclore nacional. Foi quando me ocorreu que eu não estava no campo da fantasia no sentido mágico, e sim no campo de uma espécie de ficção-científica barroca. O animal do labirinto poderia ser qualquer um, foi só o caso de escolher um que estivesse presente no folclore da região. A boitatá na caverna foi porque a boitatá é simplesmente um dos animais mais bacanas da nossa mitologia, uma cobra gigante que brilha no escuro. O terceiro animal, o anhanguera, tinha uma carga mística que poderia ficar ambígua na trama, ser apenas um delírio do protagonista. E a mula sem cabeça, que no livro tem cabeça e não é nada sobrenatural, traz a bagagem da misoginia tipicamente brasileira que se encaixava bem à trama.

• **Como foi pesquisa que está por trás de seus dois últimos livros passados no século XVIII — da qual você fala um pouco na nota histórica que encerra “Homens Elegantes” e quanto tempo ela levou?**  
Com *Quatro Soldados* eu levei oito anos produzindo o texto, em parte pela pesquisa, em parte para encontrar uma voz autoral satisfatória. Comecei a escrever *Homens Elegantes* um mês depois do lançamento do *Soldados* em 2013, já com uma bibliografia básica, e com um esboço de trama. No caminho, algumas coisas foram surgindo — como descobrir que, no período em que Érico estava em Londres, teriam de fato ocorrido dois “terramotos gêmeos”, algo que eu não poderia ignorar e que teria que entrar na história. O risco da pesquisa histórica é que a gente descobre tanta coisa interessante, tanta riqueza de detalhes e paralelos da época com o mundo atual, que precisei to-

Eu tenho obsessão com a verossimilhança do que escrevo e minha maior dificuldade em escrever uma história fantástica é que não consigo aceitar o sobrenatural

mar cuidado para não colocar informações demais só pelo gosto do didatismo.

• **Ainda em relação a seu processo criativo, como foi o desafio de recriar personagens históricas (como o Conde de Oeiras), literárias (como o Mr. Fribble) e contemporâneas (como o insidioso vilão) em “Homens Elegantes”?**

Não foi tanto um desafio quanto parece. Os personagens tinham papéis a cumprir dentro da trama, só precisei ajustar isso dentro da personalidade ou bagagem de cada um. No caso dos personagens históricos, como Oeiras (futuro Marquês de Pombal), ou mesmo figuras históricas menos conhecidas, como Ignácio Sancho ou William Beckford pai, eu me apeguei aos aspectos mais marcantes de cada um, uma coisa meio Dickens de deixá-los planos para que o leitor os diferencie bem no meio de tanta gente. Já os literários, eu descaradamente os peguei para mim e os reescrevi conforme quis, o autor que levante da tumba e venha reclamar. No caso de Mr. Fribble, um personagem criado por David Garrick no século XVIII, ele era originalmente uma caricatura simplista e ofensiva do estereótipo de um homem efeminado.

Eu pensei, ora, e no que ser efeminado o impediria de ser um ótimo espadachim, o melhor duelista do grupo, por exemplo? Quanto ao vilão, bem, ele precisava de um nome, e considerando que o protagonista do livro é gay, precisava de um nome que o leitor entendesse imediatamente que estava a tratar com o antagonista, como num filme de James Bond.

• **Pensando agora especificamente no terrível vilão de “Homens Elegantes” e no universo gay que você recria com rigor histórico neste livro, é inevitável fazer alguns paralelos com alguns lamentáveis acontecimentos recentes, inclusive alguns posteriores ao lançamento do livro, como o fechamento da exposição “Queer Museum” em Porto Alegre, os protestos contra a palestra de Judith Butler em São Paulo, e o ultrarrecente caso de sua palestra com a Natália Borges Polezzo “Os livros fora do armário: a literatura orgulhosamente queer”, no âmbito da Feira**

**do Livro de Porto Alegre, que foi suspensa duas vezes por receio de protestos ultra-conservadores antes de finalmente poder acontecer no domingo dia 12 de novembro de 2017 — o que só confirma a validade e pertinência dessas discussões e publicações. Qual a importância dessa literatura “fora do armário” que, felizmente, tem sido publicada com mais frequência, justamente num momento de crescente intolerância? Como foi sua palestra com Natália Polezzo?**

Representatividade importa porque compartilhar histórias é o que cria um senso de identificação e comunidade. Escrevi *Homens Elegantes* por sentir falta de narrativas de aventura heroicas com protagonistas gays. Se isso se torna político, é porque não há como um homossexual ser apolítico numa sociedade homofóbica, que começa tentando silenciar e apagar nossas narrativas para depois nos eliminar. Quanto ao debate com a Natália, no final das contas tivemos um público excelente, uma ótima troca de ideias sobre nossas obras e literatura LGBT em geral, e nenhum protesto. Nunca achei que haveria algum de fato, mas houve ameaças e problemas em outros debates, e o Santander Cultural abriu um precedente perigoso na resposta ao *Queermuseu*. Agora, o medo da *possibilidade* de protestos serve para se censurar eventos com base no quão incômoda a temática seja — ou para mascarar a homofobia institucional, nunca saberemos. Felizmente, a organização da Feira do Livro esteve comprometida em fazer o debate acontecer.

• **Para terminar, ainda falando na importância deste tipo de material “fora do armário”, seja literário, seja em outras linguagens, você poderia comentar algo sobre a prometida adaptação de “Homens Elegantes” para o cinema? Tenho certeza de que não sou o único que está curioso.**

Ah, por tudo que sei, será entre hoje e algum dia no futuro. E se eu ainda estiver vivo para ver o filme pronto, ficarei feliz! Mas realmente, no momento, só o pessoal da RT Features pode dar essa resposta. Enquanto isso, fico aqui fantasiando um elenco imaginário.

\*  
**BRUNO ANSELM MATANGRANO**, TRADUTOR E AUTOR DE DIVERSOS CONTOS E ARTIGOS, É MESTRE E DOUTORANDO EM LETRAS PELA USP

**Debate.**  
Na Feira do Livro de Porto Alegre deste ano com a escritora Natália Polezzo





## Filosofia

Nietzsche é um dos maiores nomes da Filosofia em todos os tempos, na medida em que empreendeu uma crítica radical à moral vigente; escancarou o quanto o humano é pequeno, mesquinho, fraco, covarde, omissos, cínico

# NIETZSCHE, O (DES)DOUTRINADOR

ZÉ RENATO

**M**uito tem se falado a respeito do filósofo. Todavia, de modo geral, quando não se diz o óbvio, produz-se uma série de incorreções calcadas em preconceitos estúpidos.

Nietzsche é um dos maiores nomes da Filosofia em todos os tempos, na medida em que empreendeu uma crítica radical à moral vigente; escancarou o quanto o humano é pequeno, mesquinho, fraco, covarde, omissos, cínico. Para piorar, apontou que não há saídas coletivas. Estamos sós no universo. O mundo é um lixo. A vida não vale ser vivida, se dentro da mediocridade imposta. Enfim, o mundo não é para os fracos. Quando estou a dizer fracos, não me refiro à força física, política, econômica, todavia, ética, moral, caráter. Digo em termos de virtude. *Virtù*, virilidade, coragem, força para empreender vontades. Tais quais os guerreiros espartanos. Aqueles que, corajosamente, brindavam a morte, no momento da batalha. Vontade de poder. Poder no sentido de força interior para realizar. “Eu vos trago o *Übermensch*!”

É muito difícil falar de Nietzsche sem recorrer a sua vida.

Nascido no seio de uma família protestante, cujo pai era pastor, aos dezesseis anos iniciou os estudos no tradicional colégio de Pforta, a fim de encaminhar sua trajetória.

Concluídos os estudos com brilhantismo, ingressou na Universidade de Leipzig, para cursar Filologia. Estudante exemplar, graduou-se em Filologia Clássica.

Aos vinte e quatro anos foi nomeado professor de Filologia Clássica na Universidade da Basileia.

Em 1870, eclode a guerra franco-prussiana, Nietzsche alistara-se como enfermeiro. Ao final do conflito, retorna à Suíça, porém, logo abandonará a cátedra, em razão dos primeiros sinais do colapso mental que o vitimou. A origem deste está, provavelmente, na sífilis, doença sexualmente transmissível, contraída em face da solidão, por isso a frequência em bordéis. Segundo seus principais biógrafos (Charles Adler, Curt-Paul Janz), o filósofo não foi atingido na época do serviço militar. O moralismo assim tentou minimizar a questão, como se fosse fatalidade.

No ano seguinte, Nietzsche começa a sentir os resultados da contração da doença: dores de cabeça, vômitos, males súbitos. Afastou-se da cátedra. Obteve uma pequena pensão do governo germânico, com a qual passou a viver.

Seu retorno à Alemanha foi marcado por fato decisivo em sua vida: os contatos pessoal e artístico com o maestro Richard Wagner (1813-83). Nietzsche entendeu que o compositor trazia em sua música a essência das tragédias, ao recuperar mitos e lendas, entregando à música a trama necessária para revolucionar a cena cultural da Europa.

O encantamento foi tamanho que o filósofo redigiu sua primeira obra: *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, de 1872. Obra que elucida dois conceitos muito caros ao acervo nietzschiano: o Apolíneo e o Dionisíaco. O primeiro baseia-se em Apolo, deus grego, representando o

equilíbrio, a sobriedade, a racionalidade. O segundo, Dionísio, importado pelos gregos junto à Pérsia, significa o frenesi, o êxtase sexual, o deus da embriaguez, quer dizer, é o instinto criador, o improviso. Juntos, apolíneo e dionisíaco criam a dramaticidade, a tensão necessária para a construção das tragédias, as quais levam às lágrimas, para, em seguida, provocarem o sorriso. Construindo, intuitiva e instintivamente, as sensação e ideia de que: uma alegria somente é legítima, se antes houve dor; uma dor somente é verdadeira se antes existiu a alegria. A dialética (lembra-se?), agora na versão de Heráclito de Éfeso (século V a.C.).

Nietzsche começa a elidir uma importante tese: cultura e vida são indissociáveis. Cultura e Estado não se coadunam.

Apesar da incontida e ilimitada admiração, o rompimento entre Nietzsche e Wagner ocorreu quando o filósofo percebeu que o maestro estava mais preocupado com fama e fortuna ao invés de transmutação estética. Todavia, a dor provocada pela atitude marcou a vida do autor de *Zaratustra*.

Vieram à luz as *Considerações Intempestivas*, espécie de panfletos nos quais Nietzsche discorre acerca de vários temas: o conceito de História, o cenário da educação europeia, mas principalmente em *Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral* começa a apresentar sua grande tese: a moral é uma mera conveniência, a fim de estabelecer códigos de conduta, com os quais o humano enfraquece, no sentido de abrir mão de seus instintos e quereres,

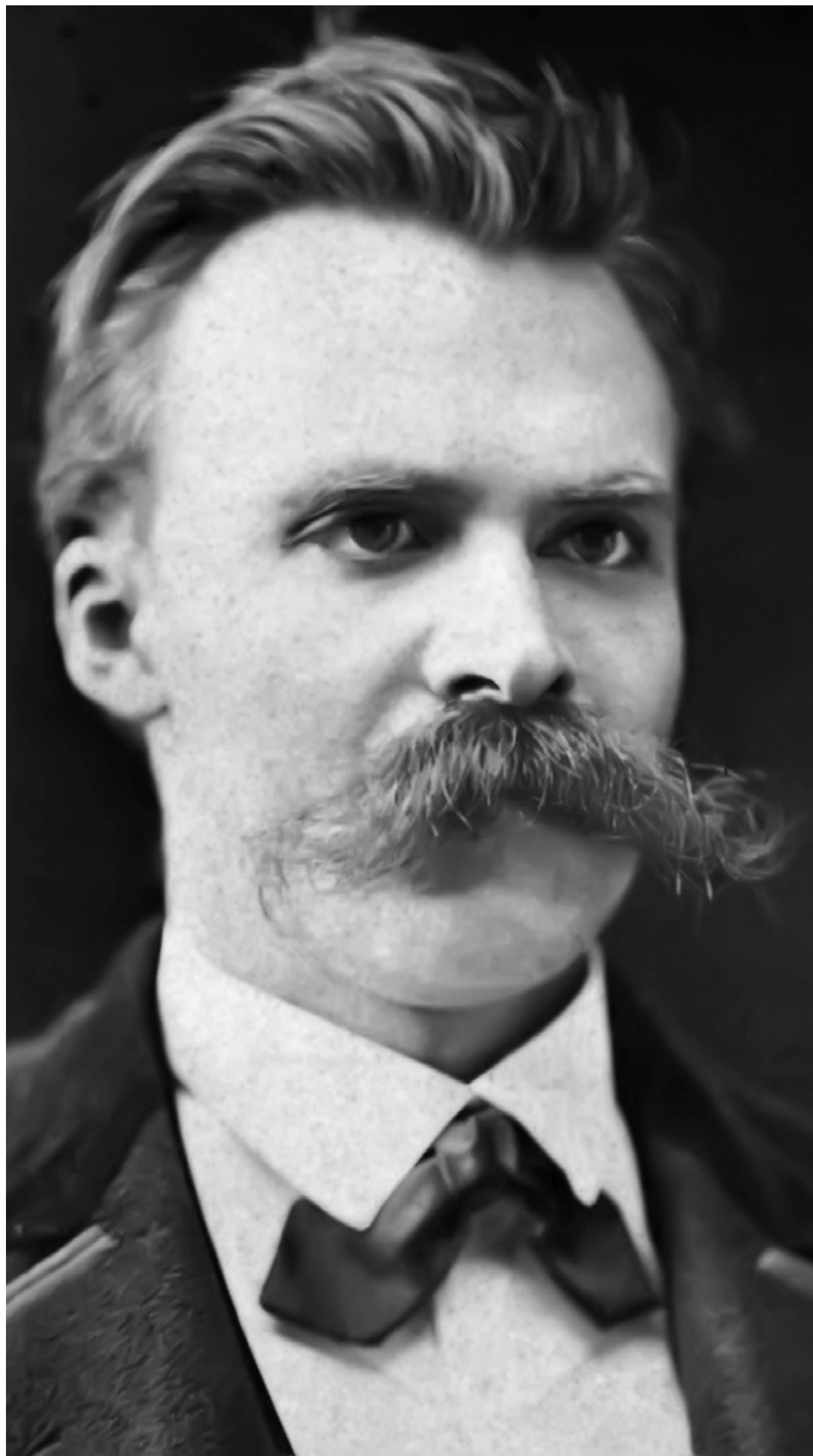
tornando-se doentio e domesticado. Verdade e mentira são apenas palavras, linguagem que visa dar ao homem a pretensa e equivocada ideia de que ele é o centro do mundo. Segundo

o autor, se pudessemos conversar com a mosca, nós nos certificariamos de que ela acredita ser “o centro do universo voante”.

Sua tese clarividencia-se após a publicação de *Para Além de Bem e Mal* e *Genealogia da Moral*, com as quais discorre sobre: ao humano cabe viver para além desses valores decadentes, não reproduzir a moral gregária, de rebanho, portanto, acima dos valores citados, que apenas enfraquecem e domesticam. Assim, diz o filósofo, esse é o médico, cuja tarefa é realizar a genealogia da moral, para verificar e destruir esse código, pautado nos valores judaico-cristãos, que tiram os instintos criadores, vontade, o querer, em troca dos “ideais ascéticos”.

O homem preso aos valores decadentes — verdade e mentira, bem e mal — sobrevive à espera da ascese, da salvação da alma, em detrimento do corpo. Abdica de seus quereres e vontades, torna-se doentio e culpado. A marca maior é o ressentimento, o rancor.

Por fim, *Assim Falava Zaratustra*, polêmica e não compreendida, tem o intento de apresentar o personagem da religião persa — o Zoroastrismo — como o responsável por trazer o *Übermensch*, o “além do homem”, quem trilhará a ponte que separa o homem e sua meta, para além de bem e mal. Críticas ácidas contra o ressentimento, o fingir, a covardia, a pretensa salvação espiritual em prejuízo da vontade. Esse “além do homem” transmutar-se-á em três espíritos: camelo, leão e criança. O primeiro é o momento em que se carrega o fardo pesado do conhecimento; o segundo, de posse dele, dará o não à mediocridade



de e o sim à vida. Quanto ao último, é o instante no qual tudo flui, vive-se para si, em si, para além de bem e mal, longe dos ideais ascéticos. É querer puro. Longe de regras e normas, de domesticação e moral gregária, para muito além dos dogmas e imposições sociais. Faz-se aquilo que se quer e o que deve ser feito, sem esperar recompensas morais e rótulos. Ou seja, tal qual o guerreiro belo e bom.

O filósofo também se preocupou em discutir o conceito de História, na medida em que rejeita a mesma narrada a partir de fatos e conquistas dos “vitoriosos”. Diz: “Não há fatos, somente interpretações”.

Quanto à Educação, deixa um ensinamento cada vez mais atual: não há conhecimento sem vida! Isto é, aprender por mera erudição é inútil. O aprendizado deve nos transformar, ética, moral e esteticamente.

Nietzsche deixou-nos um aforismo —

sua opção estética para redigir sua obra — sem título, que ficou conhecido como “A morte de Deus”, onde apresenta talvez o mais crucial tema da Filosofia nos séculos posteriores: a crise da razão. A mesma é transformada em instrumento de profissão de fé, do fundamentalismo. Não se argumenta. Professar-se fé. A razão esclarecida, esclarecedora, deu lugar ao instrumento de imposição de dogmas e pretensas verdades. Não se discute, impõem-se, pela força, pelo poder. Marca de nosso tempo!

Nietzsche descreve por completo em modelos políticos e econômicos, ao seu ver, todos são falhos, na medida em que nivelam o humano por baixo, tratam apenas de suas mazelas e fraquezas.

Não há saídas coletivas. O problema é individual. Redimensionar-se. Ética e esteticamente. Para além do humano, demasiado, humano.

**O filósofo.**  
Friedrich  
Wilhelm  
Nietzsche  
(1844-1900)